



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes

## **Memorial Descritivo do Trabalho de Conclusão do Curso**

Curso de Jornalismo

**Enrico Nunes de Aguiar Souto**

RA0029227

Orientadora: Prof. Dra Misaki Tanaka (Mii Saki)

**Máscaras: Crônicas do Grindr**

2024

Enrico Nunes de Aguiar Souto

## **MÁSCARAS: CRÔNICAS DO GRINDR**

Memorial Acadêmico referente ao processo de produção do podcast “Máscaras: Crônicas do Grindr”, apresentado ao Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Misaki Tanaka (Mii Saki)

São Paulo  
2024

## **Agradecimentos**

À minha mãe, Celi, por ter me ensinado que é possível nascer rosas do concreto. Por ter entregado o que tinha e o que não tinha para dar a melhor vida para mim e meus irmãos, sempre com o maior carinho e afeto do mundo. Eu te amo intensamente e te carrego em cada um dos meus passos. Aos meus avós, Cézar e Iza, Tânia e Rosângela, por estarem sempre presentes e me apoiarem de forma tão incondicional.

Aos meus irmãos, por serem minha base e meus maiores companheiros de vida: Giovanni, Rafaella, Luca, Maria Liz e Antonella. À minha irmã gêmea, Giulia, minha confidente e parceira de aventuras, pelas mensagens diárias e por me lembrar que jamais vou estar sozinho.

À minha orientadora, Prof. Dra. Misaki Tanaka, por sempre me incentivar a sair da zona de conforto e por acreditar no meu projeto, mesmo quando eu não acreditava. Obrigado pela parceria, pelos ensinamentos e por ser uma profissional e pessoa incrível.

À panelinha da panelinha, os amigos que a PUC me deu: Dayres, Gabrielly, Hadass, Henrique e Milena. Obrigado pelos bares de sexta e por tornarem a graduação mais leve e divertida. Aos jovens e mais velhas do chat: Nayara, Bruno, Deniel, Ella e Mel. Obrigado pelas tardes e noites de pomodoro e por serem meu porto seguro em momentos que pensava em desistir. Este projeto não seria o mesmo sem vocês.

Ao meu amor, Emerson, por estar ao meu lado durante toda esta jornada. Obrigado por ouvir minhas risadas, meus choros e por sempre conseguir encontrar a parte boa em tudo. Te amo sempre e pra sempre.

Agradeço ao Programa Universidade Para Todos (ProUni), motivo pelo qual pude ocupar e construir conhecimento nesta instituição. Que a PUC-SP se pinte de povo!

Por fim, à todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho fosse possível. Espero poder continuar fazendo jornalismo, com responsabilidade e afeto.

## Sumário

<b>1. Introdução.....</b>	<b>5</b>
<b>2. Objetivos.....</b>	<b>7</b>
<b>3. Justificativa.....</b>	<b>8</b>
<b>4. Metodologia.....</b>	<b>9</b>
<b>5. Corpo Textual.....</b>	<b>10</b>
<b>6. Caminhos Percorridos.....</b>	<b>11</b>
<b>7. Resultados.....</b>	<b>13</b>
<b>8. Referências Bibliográficas.....</b>	<b>14</b>
<b>9. Anexos.....</b>	<b>16</b>

## 1. Introdução

“Sim, tenho local. Tenho moradia. Tenho nome. Tenho história. Eu tenho identidade, tenho amor próprio e jamais aceitarei ser tratado como um pedaço de carne ou um simples buraco de prazer. Eu tenho local, mas acima de tudo tenho honra e dignidade”.

Essa citação está entre os muitos prints de conversas do Grindr que rondam as redes sociais. O Grindr é um aplicativo de relacionamentos LGBTQIA+, projetado para homens gays. Ainda que hoje seja uma tecnologia difundida, o Grindr inaugurou o uso de geolocalização para apps do namoro em 2009, quando foi fundado. Hoje, ele é o maior entre outras plataformas concorrentes, como Hornet ou Scruff.

O que destacou o Grindr entre as plataformas de paquera foi seu enfoque assumido em sexo e encontros casuais. O aplicativo funciona como um cardápio: os perfis são hierarquizados por proximidade e categorizados por características físicas e preferências sexuais, que podem ser filtradas conforme o interesse do usuário.

No entorno do Grindr, construiu-se uma cultura própria, entre termos, expressões e ‘emojis’ utilizados para tornar a comunicação mais prática. O intuito é que os encontros sejam concretizados o mais rápido possível, de preferência entre pessoas próximas.

Hoje, os aplicativos de relacionamento, que um dia viveram seu auge, começam a ser questionados pelo público. De acordo com pesquisa da empresa de consultoria de mercado Savanta, de 2023, mais de 90% dos jovens da Geração Z sentem-se esgotados e frustrados nos aplicativos. Entre os principais motivos citados estão a insegurança e a superficialidade nas relações.

Para o público LGBTQIA+, este movimento revela tensões específicas. A sexualidade sempre foi uma questão para homens da comunidade. Ao passo que somos socialmente incentivados a manifestá-la através do machismo, aprendemos que nossos desejos são depravados e proibidos. O resultado é que, ao encontrarmos um espaço seguro para expressar nossos desejos, viramos uma bomba-relógio.

No Brasil, um país estruturalmente homofóbico, essas problemáticas são ainda mais pungentes. Até 2011, o casamento homoafetivo sequer era permitido. Antes disso, para uma população que já vivia às margens, restavam os becos, vielas e bares. Não existia perspectiva para construção de relacionamentos duradouros ou mesmo de afeto. O sexo era a única alternativa — sempre por debaixo dos panos.

Esses conflitos da vida real são espelhados no Grindr. A citação anterior é apenas

um lado das muitas controvérsias que circundam o aplicativo: como os usuários cultivam uma dinâmica de objetificação e despersonalização, que se retroalimenta nos relacionamentos.

Além disso, ofensas preconceituosas – incluindo homofóbicas – e outros comportamentos tóxicos são rotineiros e normalizados. Em pesquisa realizada para este projeto, mais de 80% dos usuários afirmam que viveram situações desagradáveis no Grindr. O aplicativo é ocupado por pessoas machucadas, que reproduzem as violências que viveram para que possam sentir-se validadas em detrimento do outro.

Minha proximidade com este tema é pessoal. Como homem e bissexual, entrei em contato com o Grindr no final da adolescência, quando descobria partes da minha sexualidade que estavam escondidas até então. Minha relação com o aplicativo sempre foi contraditória. Ao mesmo tempo que pude me descobrir livremente, eu perdi o controle sobre meu desejo. Eu era jovem e ingênuo e, desta forma, estava vulnerável a inúmeros perigos.

As experiências de frustração e violência são compartilhadas por grande parte dos homens da comunidade LGBTQIA+ que ocupam o Grindr. É necessário, portanto, trazer à luz estas questões para que possamos construir uma relação saudável não só com o aplicativo, mas também com nossa sexualidade.

Nesse estudo serão abordados os conceitos e as pesquisas de Jaime Woo (2014), Christopher Conner (2019) e Elson Santos (2020).

## **2. Objetivos**

O objetivo do podcast “Máscaras: Crônicas do Grindr” é refletir sobre como a presença do aplicativo mudou nossa forma de se relacionar. Através das histórias de pessoas que estiveram no aplicativo, investigamos seus impactos positivos e negativos na identidade, sexualidade e afetos de homens LGBTQIA+, como indivíduos e como comunidade.

Buscamos trazer visibilidade às experiências de frustração e violência que são perpetuadas no Grindr e, desta forma, informar e auxiliar o público a construir uma relação saudável e segura com o aplicativo.

### 3. Justificativa

O Grindr é um espaço hostil para muitos da comunidade LGBTQIA+. Um espaço que reforça padrões de beleza e masculinidade, ao passo que afugenta aqueles que estão fora dele. Preconceitos como racismo, transfobia e gordofobia são frequentes no aplicativo, e reproduzidos pelos próprios usuários. São pessoas quebradas tentando quebrar umas às outras.

Além disso, a cultura sexual do aplicativo é tóxica e prejudicial. Nas conversas, consentimento não é necessário. Apenas estar no Grindr já é a permissão para receber fotos obscenas de perfis aleatórios e comentários indelicados sobre sua aparência ou o que há debaixo de suas pernas. Não há limite estabelecido. E o aplicativo dá liberdade para que esse tipo de conduta continue sendo perpetuado.

Comportamentos predatórios são normalizados por uma parcela dos usuários. Sexo sem proteção já foi banalizado e outros hábitos, como o ‘chemsex’, tornam-se gradativamente mais comuns. Segundo pesquisa realizada para o podcast, 24% dos usuários entraram no aplicativo antes dos 18 anos — uma idade que sequer é permitida. Ao estar no Grindr em um período tão formativo, sendo exposto a um contexto tão esmagador quanto este, nossa mente é consumida e moldada por estes paradigmas.

O estopim é quando estas dinâmicas resultam em mortes. Em junho de 2024, Leonardo Rodrigues Nunes, de 24 anos, foi morto após marcar um encontro no Hornet, aplicativo semelhante ao Grindr. Para a pesquisa, recebemos relatos de usuários que também sofreram tentativas de sequestro e golpe durante encontros no Grindr. Outros que saíram do aplicativo depois que perderam amigos em episódios parecidos. Nem neste espaço virtual, que é considerado nosso, estamos seguros.

E mesmo assim, grande parte da comunidade não abre mão do Grindr. São 13 milhões de pessoas usando o aplicativo. Só o Brasil está entre os 10 países com maior número de usuários.

Hoje, o Grindr é uma figura presente na cultura LGBTQIA+, dentro e fora das redes. As histórias contadas durante o podcast “Máscaras: Crônicas do Grindr” demonstram como a comunidade construiu uma relação complexa com o aplicativo — de apego e constrangimento —, refletindo dilemas e conflitos históricos para este grupo.



#### **4. Metodologia**

Durante a etapa do pré-projeto, fizemos uma revisão bibliográfica de artigos acadêmicos e publicações sobre o Grindr. O objetivo era compreender em quais perspectivas o aplicativo já foi investigado para, assim, decidirmos por qual vertente seguiríamos neste trabalho.

Na etapa seguinte, exploramos minhas experiências pessoais com o Grindr. Meu primeiro exercício foi ligar o microfone e contar minha história de forma livre. Posteriormente, decupamos o áudio e selecionamos os trechos mais relevantes, que entrariam no podcast. A partir disso, reorganizei as informações e escrevi meu relato, que viria a ser a base do primeiro episódio.

No final do primeiro semestre de 2024, montamos um protótipo do primeiro episódio através deste relato. Gravamos a locução e editamos, com o objetivo de estabelecer um padrão estético para o projeto. Foi também nesta etapa que o nome do podcast foi criado e a vinheta elaborada.

Depois, fomos em busca de personagens para o programa. Um elemento essencial neste processo foi a pesquisa realizada para o projeto. Com um total de 644 respostas, recebemos relatos anônimos com as mais diversas histórias. Uma das pessoas chegou a se identificar e, posteriormente, tornou-se o personagem do terceiro episódio.

Após gravar com os personagens, decupamos as conversas e separamos os trechos mais importantes. Foi a partir deste trabalho que decidimos qual seria a estrutura final do projeto. Ao todo, três pessoas contribuíram com relatos, uma com uma entrevista presencial e duas com entrevistas remotas.

Com as histórias em mãos, fomos em busca de especialistas para dar embasamento teórico para o debate. Concomitante a este processo, escrevemos os episódios e separamos em quais temas as falas dos especialistas seriam mais construtivas. Somente após esta divisão, os roteiros foram finalizados e as locuções gravadas.

## 5. Corpo Textual

O podcast “Máscaras: Crônicas do Grindr” apresenta 3 episódios, entre 15 e 20 minutos cada, estando aberto para mais episódios.

No primeiro episódio, “Perfomance”, apresentamos o aplicativo e seu escopo internacional. Iniciamos o projeto através da minha história com o Grindr, demonstrando como eu incorporava personagens no aplicativo, com o objetivo de atrair perfis e me sentir validado. Nos últimos minutos, o Mestre em Comunicação e Cultura Elson Santos explica este fenômeno através de uma metáfora com a logomarca do Grindr — uma máscara — e detalha como o aplicativo se tornou um mediador dos vínculos e negociações sociais que acompanham a comunidade LGBTQIA+.

No segundo episódio, “Frustração”, somos introduzidos à história de Well, uma pessoa não-binária que teve sua descoberta sexual pela internet, através do Chat da UOL, ferramenta anterior ao Grindr. Após viver experiências traumáticas, mostramos como o aplicativo foi refrescante e libertador para ela. Neste meio-tempo, Elson Santos retorna para contar como o Grindr surgiu e se moldou à demanda da comunidade por um espaço em que pudessem expressar sua sexualidade. Em contrapartida, o psicólogo clínico Marcos Vinícius conta como essa demanda se volta contra si mesma e os usuários passam a reproduzir e reforçar padrões de beleza e de masculinidade. Por fim, trazemos a história do Gustavo, que conta seus esforços para encontrar alternativas de relacionamento para além do aplicativo.

Abrimos o terceiro episódio, “Risco”, com a história do Bernardo, um homem trans que conta ter sofrido transfobia desde suas primeiras interações no Grindr. A terapeuta sexual Laís Rodrigues explica o que motiva os ataques preconceituosos dos usuários, e como a possibilidade do anonimato evoca uma sensação de impunidade nas pessoas. Essas situações fizeram com que Bernardo evitasse marcar encontros, ainda que ele nunca deixasse o aplicativo. A partir disso, o psicólogo Kriz Izanowski explica o porquê homens gays são movidos por seus desejos sexuais e como o ambiente do Grindr borra os limites do consentimento. Ao fim do episódio, resgato minhas experiências para discutir de que formas podemos construir uma relação mais saudável com o aplicativo, com contribuições dos dois especialistas.

## 6. Caminhos percorridos

Quando apresentei o pré-projeto para minha orientadora, nosso encaminhamento seria bem mais impessoal. Foi depois que eu contei minhas motivações para o tema que Misaki Tanaka sugeriu que o projeto fosse centralizado nas minhas experiências.

Para isso, precisei resgatar etapas da minha vida que não pretendia desvelar tão cedo. Ainda mais porque eu não estava no Grindr desde março de 2023, período em que elaborei a proposta, já que entrei em um relacionamento sério.

Esta foi a etapa mais difícil. Lutei muito para não deixar o medo vencer. A cada memória que eu recuperava, mais receio eu tinha da reação das pessoas. Me senti saindo do armário mais uma vez. Mesmo assim, aceitei a empreitada. Senti que a relutância era o sinal de que aquele era o caminho certo a seguir.

O segundo entrave foi com os personagens. Mesmo salientando que os relatos poderiam ser anônimos, nem todas as pessoas tinham segurança para revelar suas questões com o Grindr, ainda mais quando envolvem sua vida sexual. Uma delas, em particular, mandei mensagens de junho a setembro, na tentativa de agendar uma conversa, e nunca tive uma resposta concreta. Eventualmente, decidi abrir mão da entrevista. Apenas segui com os personagens que aceitaram de imediato.

Com os especialistas, o processo foi mais simples. Três das quatro fontes aceitaram o convite e realizamos as entrevistas sem complicações. A orientadora Misaki Tanaka foi a responsável por nos conectar com o psicólogo e psicanalista Kriz Izanowski, que estuda gênero e toxicomanias. E, durante nossas pesquisas, encontramos o trabalho de Elson Santos, Mestre em Comunicação, Cultura e Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), cujo objeto de estudo foram as dinâmicas comunicacionais do Grindr.

Nesta etapa, o maior desafio veio enquanto buscávamos por uma especialista em sexualidade. Procurando por sexólogos, encontramos uma profissional que abraçou o projeto, mas que não tinha disponibilidade para uma entrevista. Foi ela, entretanto, que nos indicou Marcos Vinícius, psicólogo clínico voltado à psicanálise, que acrescentou às contribuições de Kriz. A luz no fim do túnel chegou com Laís Rodrigues, uma terapeuta sexual residente em Londrina, no Paraná. Em decorrência disto, a entrevista precisou ser realizada remotamente.

A princípio, o podcast teria quatro episódios, cada um focado na história de um personagem. Entretanto, reduzimos devido ao tempo curto que tínhamos e para preservar

o ritmo do projeto.

Neste processo de elaboração, uma questão surgiu: o primeiro episódio, que narra minha experiência com o Grindr, contaria somente com minha locução. Para que o áudio não ficasse cansativo, a solução foi investir em trilhas e efeitos sonoros, mantendo o dinamismo da história e aumentando a imersão do ouvinte. Também decidimos trazer contribuições de Elson Santos, que entraria somente no segundo episódio, para dar embasamento aos temas que foram apresentados.

Começamos a fechar os roteiros do segundo e terceiro episódio a partir de outubro de 2024. O segundo, particularmente, passou por várias alterações. Após orientações da professora, a história do Gustavo, que seria introduzida somente no final, foi inserida no meio do episódio, para manter a coerência temática com a história de Well e para que seu relato não ficasse deslocado.

À princípio, o terceiro episódio contaria somente com os relatos anônimos e de Bernardo. A ideia de finalizar com minha história veio no processo de escrita, quando rememorei uma experiência que não abordamos nas primeiras etapas do projeto. Ao compartilhar a sugestão com a orientadora, fui incentivado a seguir. A adição, por fim, ajudou a dar impacto emocional aos debates do episódio.

## 7. Resultados

O podcast “Máscaras: Crônicas do Grindr” foi uma jornada pessoal para recuperar vivências pessoais e coletivas. A partir de cada um dos relatos e histórias que tive contato, pude constatar como compartilhamos de indagações e angústias muito parecidas. Problemáticas que nós, como comunidades, temos plena consciência — fazemos piadas na internet, ‘memes’ em redes sociais — mas que nunca nos debruçamos para entendê-las e enfrentá-las em sua completude.

Durante a produção do projeto, me vi saindo do armário mais uma vez. E acredito que este precisa ser um movimento de todas as pessoas que um dia foram afetadas pelo Grindr: tirá-lo do armário e encarar os traumas que carregamos com o aplicativo. Este é, contudo, um enfrentamento que precisa ser realizado em comunidade, coletivamente, assim como firmou-se historicamente as lutas do movimento LGBTQIA+.

Nossa forma de se relacionar mudou para sempre com os aplicativos de namoro e não há como fugir disso. Entretanto, a busca por uma visão mais afetuosa para nossas relações, além do estabelecimento de limites que respeitem nossos desejos e vontades, é não só possível, como também um esforço necessário na contemporaneidade.

## 8. Referências

BARCELOS, Eduardo; ARAÚJO, Gabriela; GONÇALVES, Maria Carolina; PRASTES, Vinícius; FELIX, Wesley. A hipersexualização dos corpos negros gays no Grindr: entenda o cenário de estereotipação. Transite, UFMG. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <<https://transite.fafich.ufmg.br/a-hipersexualizacao-dos-corpos-negros-gays-no-grindr-entenda-o-cenario-de-estereotipacao/>>. Acesso em: 31 mai 2023.

CARDOSO, João Gabriel Maracci; PAZ, Bernard Martins; ROCHA, Kática Bones; PIZZINATO, Adolfo. Imagem, corpo e linguagem em uso do aplicativo Grindr. Psicologia USP, volume 30. São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/161344>>. Acesso em: 8 mai 2023.

CONNER, Christopher. The Gay Gayze: Expressions of Inequality on Grindr. The Sociological Quarterly, Volume 60. Illinois, 2019. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00380253.2018.1533394>>. Acesso em: 10 mai 2023.

GOMES, Beatriz. Aplicativo diz revisar segurança com ‘urgência’ após morte de jovem em SP. UOL. Jun 204. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/06/20/aplicativo-relacionamento-jovem-morto-sp.htm>>. Acesso em: 24 jun 2024.

LICOPPE, Christian; RIVIÈRE, Carole Anne; MOREL, Julien. Grindr casual hook-ups as interactional achievements. Telecom ParisTech, Université Paris Saclay. Paris, 2015. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1461444815589702>>. Acesso em: 13 mai 2023.

MONICA, Eder Fernandes; COSTA, Ramon Silva. PRIVACIDADE, LIBERDADE SEXUAL E SIGILO: SENTIDOS DE LIBERDADE NO APLICATIVO GRINDR. Interfaces Científicas. Aracaju. V.8, N.2, p. 99-116. Março, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/download/7904/3786/23377>>.

PONTES, Rafaela. Grindr implementa medidas para proteger atletas LGBTQIA+ nas Olimpíadas de Paris. Mídia Ninja. Jul 2024. Disponível em: <<https://midianinja.org/grindr-implementa-medidas-para-protoger-atletas-lgbtqia-nas-olimpiadas-de-paris>>. Acesso em: 8 out 2024.

PR Newswire. The New Grindr: Zero Feet Away. PRNewswire. LOS ANGELES, Oct. 1, 2013. Disponível em: <<https://www.prnewswire.com/news-releases/the-new-grindr-zero-feet-away-225991411.html>>. Acesso em: 21 ago 2024.

QUIROZ, Pamela Anne. From Finding the Perfect Love Online to Satellite Dating and ‘Loving-the-One-You’re Near’: A Look at Grindr, Skout, Plenty of Fish, Meet Moi, Zoosk and Assisted Serendipity. *Humanity & Society*, University of Illinois-Chicago. Illinois 2013. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0160597613481727>>. Acesso em: 13 mai 2023.

SANTOS, Elson Silva dos. **Eu encontrei ele no Grindr: processos comunicacionais e sociais entre jovens gays em Belém**. Elson Silva dos Santos. Belém, 2020. Disponível em: <[https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/13492/1/Dissertacao\\_EuEncontreiEle.pdf](https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/13492/1/Dissertacao_EuEncontreiEle.pdf)>. Acesso em: 15 out 2024.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; SANTOS, Leonardo Tadeu dos; PEREIRA, Jefferson Rodrigues. Heteronormatividade, Masculinidade e Preconceito em Aplicativos de Celular: O Caso do Grindr em uma Cidade Brasileira. *Brazilian Business Review*, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/bbr/a/YSd7YpMmCTNVfrkwp4fJvqs/?lang=pt>>. Acesso em: 8 de maio 2023.

STACK, Daniel da Silva. Masculinidades na seleção de parceiros entre usuários do Grindr na cidade de Santa Maria – RS. *Revista Contraponto*, v. 8, n. 2. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/contraponto/article/download/117266/65102>>. Acesso em: 2 de junho 2023.

VASCONCELOS, Osvaldo da Silva; VIEIRA, Manuela do Corral; CAL, Danila Gentil Rodriguez. Vitrine Virtual: comunicação, práticas corporais e sociabilidade no Grindr. *Verso e Reverso*, vol. 31, n. 76, janeiro-abril 2017. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2016.31.76.04/5838>>

VIEIRA, Manuela do Corral. Vigilância e anonimato em aplicativos mobile: um estudo sobre a privacidade em relações homoafetivas no digital. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.12, n.2, p. 308-321, novembro 2016. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3718/3137>>.

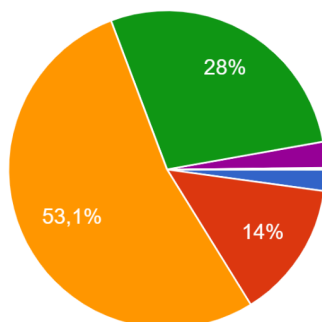
VINTER, Robyn. ‘It’s quite soul-destroying’: how we fell out of love with dating apps. *The Guardian*, Out. 2024. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2023/oct/28/its-quite-soul-destroying-how-we-fell-out-of-love-with-dating-apps>>. Acesso em: 23 out 2024.

WOO, Jaime. **Meet Grindr: How One App Changed The Way We Connect**. Jaime Woo. Toronto, Mar 2013.

## 9. Anexos

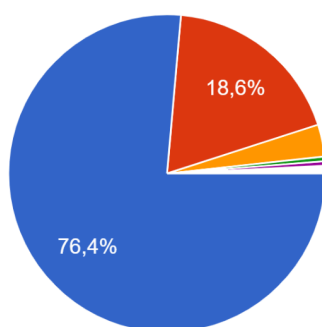
Quantos anos você tem?

644 respostas



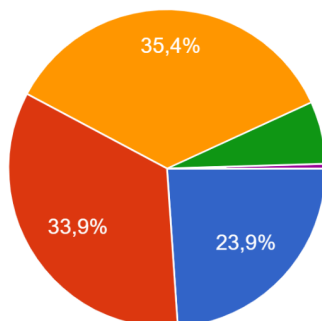
Qual a sua orientação sexual?

644 respostas



Com quantos anos você entrou no Grindr?

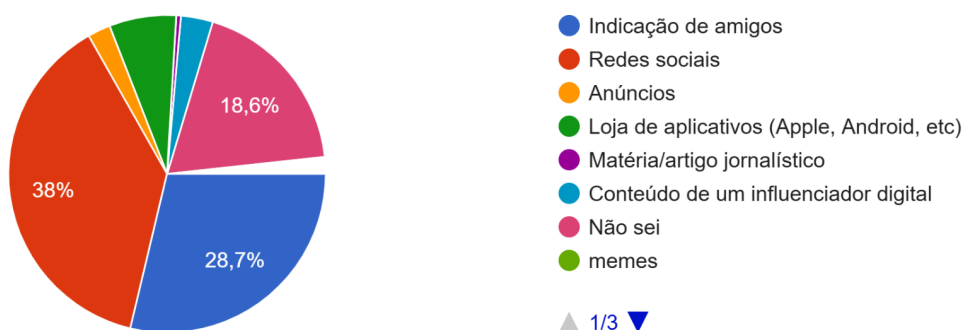
644 respostas





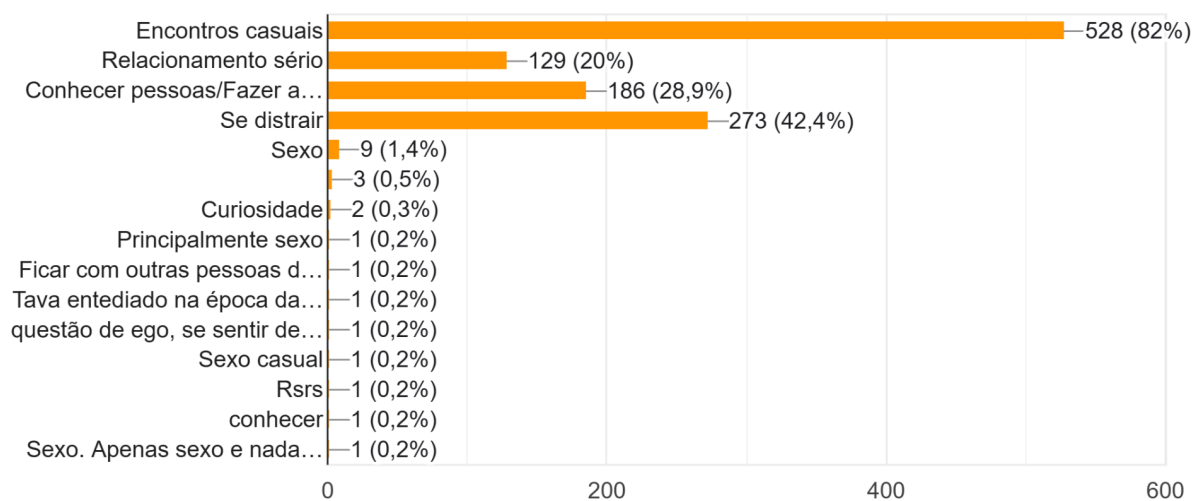
### Como você conheceu o aplicativo?

644 respostas



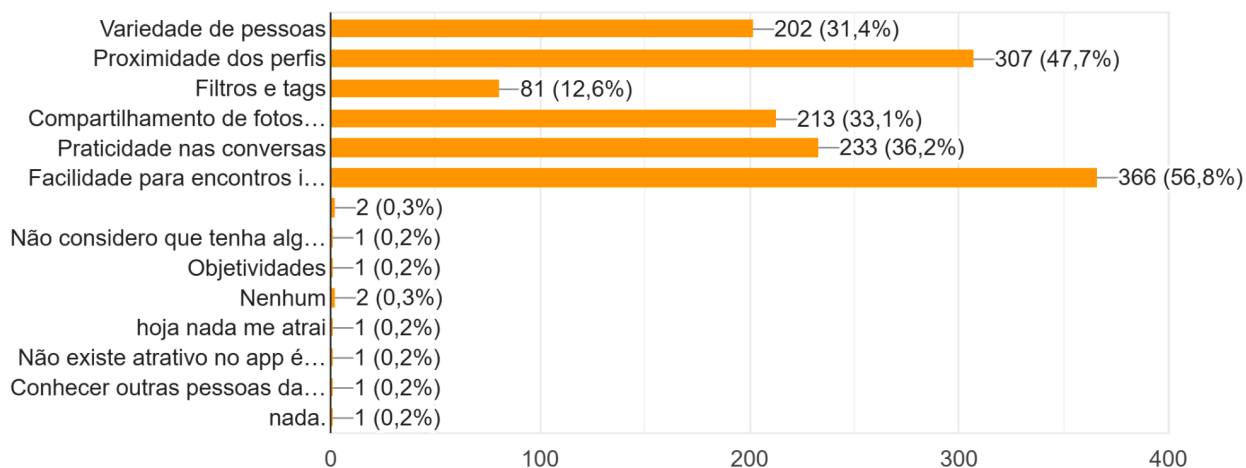
### Com qual objetivo você entrou no Grindr?

644 respostas



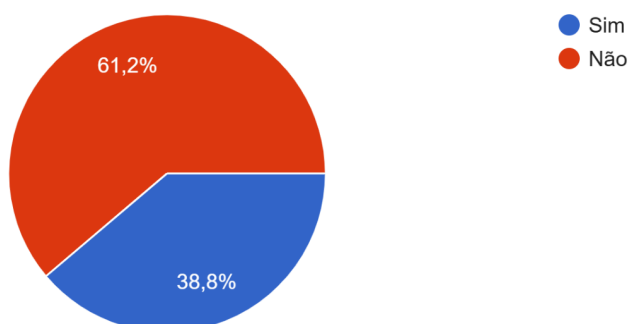
### Quais aspectos do app você considera mais atrativos?

644 respostas



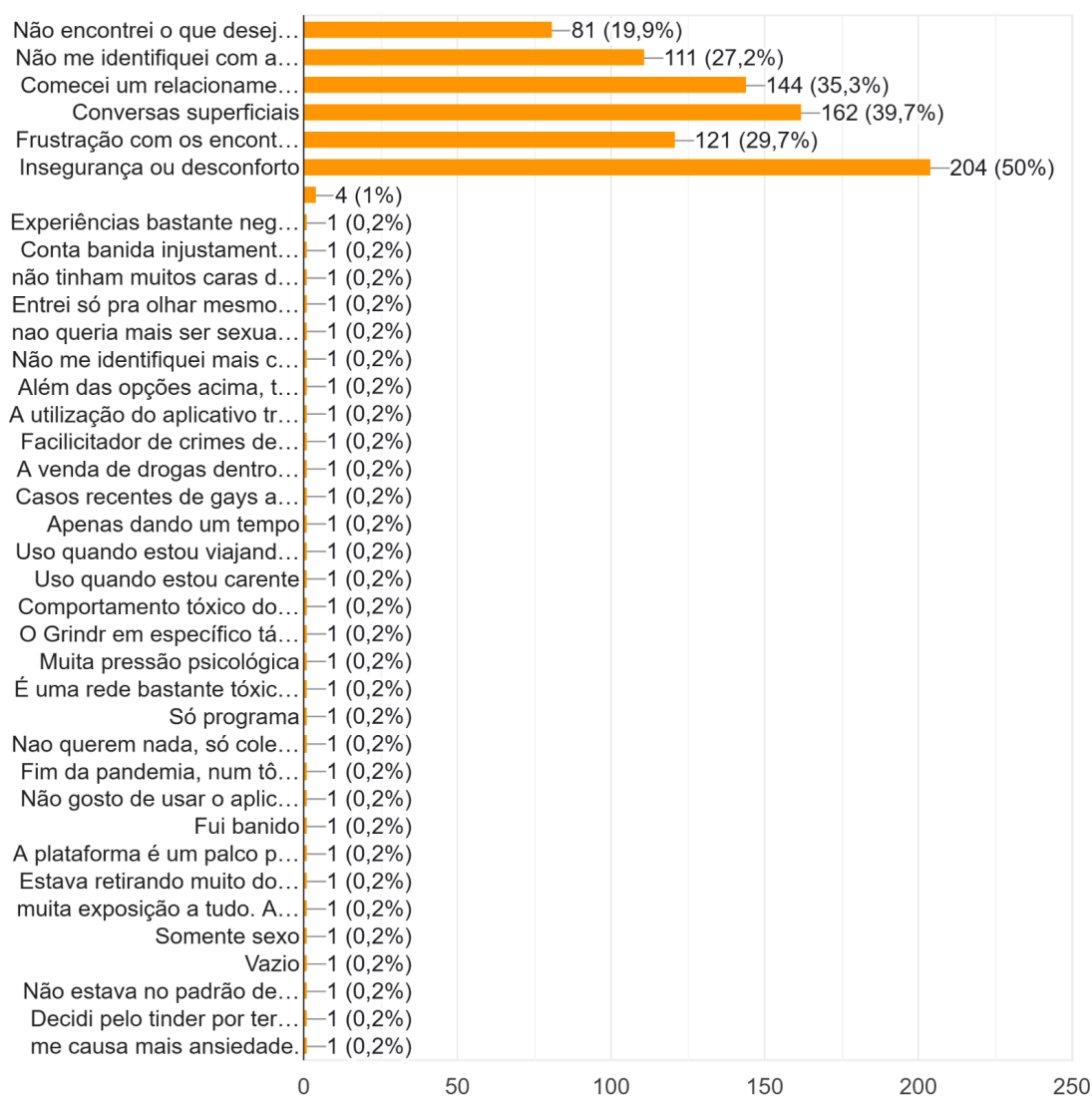
### Hoje, você continua usando o Grindr?

644 respostas



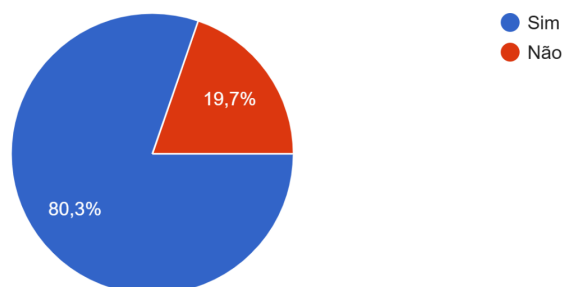
### Se não, por qual motivo saiu do aplicativo?

408 respostas



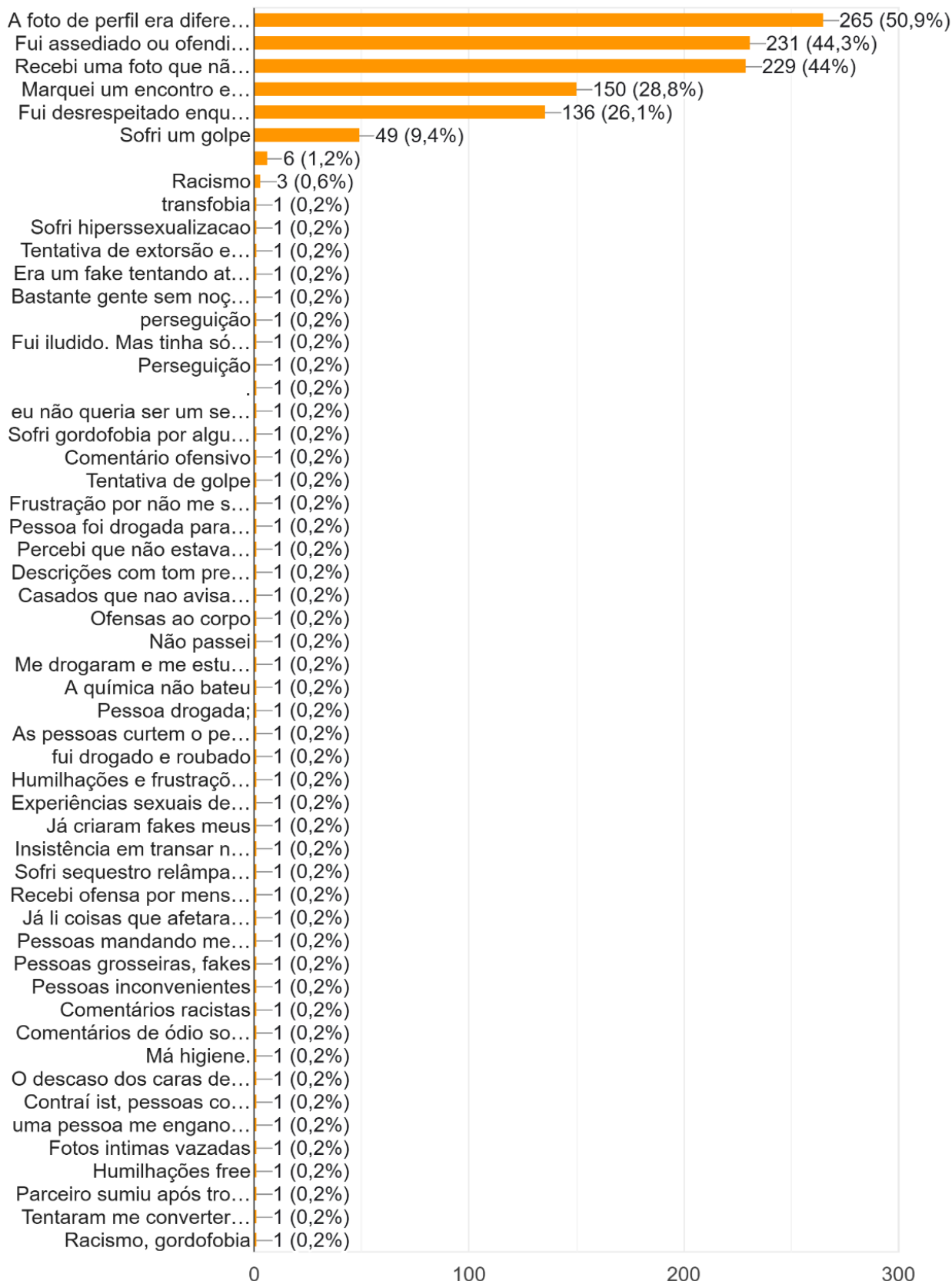
### Você já passou por alguma experiência desagradável no Grindr?

644 respostas



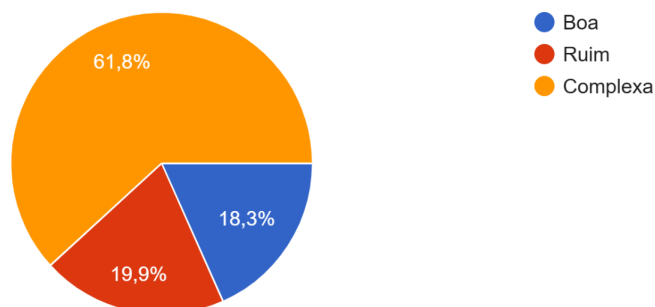
## Se sim, qual das abaixo?

521 respostas



### Como você avalia sua experiência com o app?

644 respostas



### Você usa/usou algum destes outros apps de relacionamento LGBTQIA+ semelhantes?

600 respostas

